



## A Comunicação Pública da Ciência da Caatinga<sup>1</sup>

Weldeciele Lima Gonçalves<sup>2</sup>

Mayara Karla Dantas Silva<sup>3</sup>

Cidoval Moraes de Sousa<sup>4</sup>

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

### RESUMO

Este trabalho apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa sobre as estratégias de comunicação dos grupos que estudam a Caatinga, no Semi-Árido Nordestino. A pesquisa se restringiu aos grupos cadastrados no CNPq, certificados por instituições de ensino e pesquisa de natureza pública. Foram identificados 152 grupos espalhados pelo Nordeste. Desses, 11 estão instalados no Estado da Paraíba. O que se observou como tendência é que há pouca ênfase na divulgação midiática de suas pesquisas. Dentre as razões, falta de tempo dos pesquisadores e pouca demanda por parte da mídia.

**PALAVRAS – CHAVE:** Caatinga; Comunicação; Ciência; Público.

### INTRODUÇÃO

Muitos são os públicos da ciência. Eles interagem através de canais diferenciados, com os pesquisadores escolhendo os meios de comunicação de acordo com a natureza de seus trabalhos. A Ciência, para ser produzida, passa por diversos processos comunicativos, onde os seus atores – produtores do conhecimento - interagem, negociando as diferentes etapas da produção científica até chegar a um consenso final, que sempre deve ser transmitido. Afinal, “a ciência que não é comunicada, não existe”.<sup>5</sup>

Neste trabalho, a inovação consiste na investigação das estratégias utilizadas pela comunidade científica, que se debruça sobre a Caatinga, para levar ao público não especializado o resultado de seus estudos e pesquisas.

Em outras palavras, não se quer como foco o que já está publicado ou em processo de produção, mas a compreensão do lugar da mídia nos projetos de comunicação pública da ciência da Caatinga.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 3º ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPB, bolsista de iniciação científica, e-mail: weldecielelima@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, 3º ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPB, bolsista de iniciação científica, e-mail: mayarakarladas@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPB, e-mail: cidoval@gmail.com

<sup>5</sup> VESSURI, H. La revista científica periférica. El caso de la acta científica venezolana, *Interciencia*, v. 12, n. 3, p. 124-134, 1987



Os atores objetos da investigação não são os jornalistas, assessores ou divulgadores, mas os próprios pesquisadores. Sabe-se, por aproximação, que há muitos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, em diferentes áreas do conhecimento, com interesse na Caatinga, e, conseqüentemente, que tais grupos não sobrevivem sem a comunicação de seus produtos técnicos ou literários em pelo menos duas dimensões: uma especializada (periódicos científicos, congressos, seminários de área, livros e capítulos) e outra para público leigo (jornal, internet, rádio, televisão, exposições, feiras). O foco deste projeto é a segunda dimensão.

Entende-se que a comunicação, como bem frisa Knorr-Cetina (1999), infiltra a investigação científica e é tão relevante para ela como o é para as questões relativas ao gesto de tornar públicos os seus resultados. As atividades científicas relacionadas à Caatinga são compreendidas, aqui, como produções sócio-culturais, tanto na dimensão das metodologias e das técnicas, como também das temáticas, das teorias e das demais formas de explicação das quais se utiliza (Wortmann, 1999). São atividades impregnadas de interesse que se movem em duas arenas interdependentes: uma epistêmica (a da atividade científica em si) e outra transepistêmica (a da sociedade, da política, dos governos).

Nos estudos da relação ciência e público são problematizadas duas grandes tendências de comunicação, que no entendimento do autor, podem ser tomadas como referência para a investigação aqui proposta: as que apontam processos de comunicação em uma única via, desde os cientistas até a sociedade, e nos quais a chave é a disseminação da informação; e aquelas que propõem processos dialógicos, nos quais a participação e a postura ativa do público são o foco de atenção (FARES, NAVA, MARANDINO, 2007).

No contexto das tendências unidirecionais destacam-se, de um lado, o modelo de déficit, que posiciona o cientista como aquele que sabe, e o público como aquele que tem déficit de saber, e, assim, o que sabe emite e o que não sabe recebe passivamente; e, de outro, o modelo contextual, segundo o qual os indivíduos não recebem informação como recipientes vazios (LEWENSTEIN; BROSSARD, 2006). O modelo valoriza as experiências culturais e os saberes prévios das audiências e reconhece que quando os conhecimentos científicos ou tecnológicos fazem parte do cotidiano do público, o processo de compreensão é facilitado.

Já no contexto das tendências dialógicas também outros dois modelos se destacam: o modelo de experiência leiga - valoriza os conhecimentos locais que podem ser tão relevantes para a resolução de problemas científicos e tecnológicos como os



conhecimentos científicos; e o modelo de participação pública - parte do compromisso de democratização da ciência e da tecnologia, pressupondo como condição necessária para o desenvolvimento dessas atividades, a valorização do diálogo entre os cientistas e os não-cientistas (DURANT, 1999). Pretende-se, como mostrará adiante, tomar tais modelos como referência para o estudo das estratégias de comunicação utilizadas por aqueles que têm a Caatinga como objeto de investigação.

A Caatinga, como se sabe, ocupa quase 10% do território nacional, com 736.833 km<sup>2</sup> e abrange os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia, sul e leste do Piauí e norte de Minas Gerais. Cerca de 20 milhões de brasileiros vivem na região coberta pelo bioma. Possui um considerável número de espécies endêmicas, que devem ser consideradas como um patrimônio biológico de valor incalculável. Quanto a flora, já foram registradas cerca de 1000 espécies, estimando-se que haja um total de 2000 a 3000 plantas. Com relação à fauna, apresenta baixa densidade de indivíduos e poucas espécies endêmicas. Foram identificadas, até agora, 17 espécies de anfíbios, 44 de répteis, 695 de aves e 120 de mamíferos.

Acredita-se, por um lado, que os conhecimentos científicos, principalmente os que dizem respeito ao bioma em questão, não podem ser privatizados e, que, portanto, é uma questão de cidadania torná-los público; e, por outro, que quanto mais o público, de um modo geral, receber informações sobre a Caatinga, mais contribuirá politicamente para a construção de modelos sustentáveis de uso da riqueza nela contida.

Buscou-se investigar como as comunidades científicas que estudam a Caatinga no Semi-Árido Nordestino se comunicam com o que chamamos aqui de público leigo ou grande público – aquele não iniciado ou com pouca instrução sobre o fazer científico. Pretendeu-se conhecer, de forma mais ampla, as estratégias dos pesquisadores de diferentes instituições públicas de ensino e pesquisa, situadas no Semi-Árido Nordestino, para tornarem pública as suas descobertas, seus diagnósticos, seus experimentos, suas reflexões em torno do bioma, que ainda ocupa 11% do território nacional em nove estados.

De forma mais específica, perguntou-se se além dos canais formais, específicos, tais como revistas especializadas e congressos, os pesquisadores comunicam seus produtos técnicos ou literários por meios massivos (jornais, boletins, programas de rádio, programas de TV, sites, portais, blogs).

Partiu-se de dois pressupostos fundamentais: Os grupos que estudam a Caatinga, em instituições públicas de ensino e pesquisa situadas no Semi-Árido, têm práticas



comunicacionais voltadas para público leigo, significativas mas não sistemáticas, que se aproximam do modelo de déficit, caracterizado na introdução deste projeto; As estratégias de comunicação são definidas, em grande medida, em função de pressões e/ou provocações oriundas das arenas epistêmicas e transepistêmicas (particularmente agências financiadoras, governos), mas que não chegam a questionar o modelo vigente de comunicação.

Este trabalho orienta-se, fortemente, pelos enfoques CTS (ou estudos sociais da Ciência e da Tecnologia), um campo de estudo e pesquisa que emergiu da crítica ao desenvolvimento científico e tecnológico, e que tem lugar, particularmente, na Europa e nos Estados Unidos, a partir dos anos 1960. Os estudos CTS compõem um campo de trabalho interdisciplinar orientando à compreensão do fenômeno científico-tecnológico em sua relação com o contexto social, tanto no que concerne aos fatores econômicos, políticos e culturais que tem influência sobre a mudança científico-tecnológico, como no que diz respeito às conseqüências que essa mudança tem para a sociedade ou o meio ambiente (SANTOS; ICHIKAWA, 2002).

Dentro desse conjunto, nossa abordagem apóia-se numa visão construtivista, segunda a qual as Ciências e a atividade científica são concebidas como produções sócio-culturais, tanto na dimensão das metodologias e das técnicas, como também das temáticas, das teorias e das demais formas de explicação das quais se utiliza (Wortmann, 1999). Em outras palavras: o conhecimento científico é o resultado de um processo de criação e interpretação social, e não simplesmente uma revelação ou uma descoberta da realidade.

A ciência e seus produtos (literários, técnicos, etc) não são a explicação definitiva, acabada do mundo, mas uma das muitas formas de explicá-lo, estruturando o que e como percebemos a natureza. Não há como separar o social do científico, o interno do externo à atividade científica. Nessa perspectiva a ciência é estudada no seu lugar de produção (laboratório) e entendida como um discurso resultado de processos complexos de negociação e busca de consenso.

Como diz Latour (1999), a entrada no mundo da ciência e da tecnologia se dá pela porta de trás, a da ciência em construção, e não pela entrada grandiosa, que é da ciência acabada. Se a ciência tem, como diz ele, duas faces - uma que sabe e a outra que ainda não sabe -, é importante ficar com a mais ignorante, com o mínimo possível de idéias sobre aquilo que se constitui ciência. Ao entrar no laboratório, entendido aqui numa perspectiva



mais ampla, como o lugar onde o cientista trabalha, o investigador, que opta pela segunda face da ciência, tem a oportunidade de encarar a ‘caixa-preta’ antes que ela seja fechada.

Se a ciência pronta, como reza a tradição positiva, possui certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção, a pesquisa, segundo Latour (1999), no seu *locus*, apresenta características opostas: é incerta, aberta, e está sempre às voltas com problemas ‘insignificantes’, como dinheiro, instrumentos, capacidade técnica, incapaz de fazer distinções de natureza objetiva. Não prospera desvinculada do coletivo, porque, na essência, é uma grande experimentação coletiva que envolve humanos e não humanos (objetos, animais, bactérias), num processo cujo significado é sempre controverso. A ciência pronta não se revela; embora esteja impregnada de decisões.

A idéia de que a comunicação e particularmente a fala e a escrita são intrinsecamente processos ativos, tornou possível, de acordo com a autora, entender a comunicação como uma esfera da atividade social de direito próprio, no interior da qual as mensagens não são apenas preservadas ou transmitidas, mas formadas e construídas. Isso, segundo ela, faz reavivar o interesse na comunicação, na medida em que esta inclui estratégias de persuasão.

Essa concepção, não só assume que as mensagens se modificam na interação, mas igualmente que há resultados emergentes - efeitos da interação aos quais os participantes poderiam chegar por si mesmo. O esbatimento da distinção entre palavras e obras, entre comunicação e ação, tornou emblemáticas quaisquer fronteiras entre, por um lado, a investigação e o trabalho científico, e, por outro, a comunicação dos resultados dessa investigação. A comunicação, conclui, "infiltra a investigação, e é pelo menos tão relevante para ela como o é para as questões relativas a gesto de tornar públicos os resultados".

Para Knorr-Cetina (1999) a comunicação das ciências tem pelo menos cinco dimensões. A dimensão literária - que pode ser capturada a partir dos produtos escritos das ciências: artigos, descrição de patentes, relatórios de pesquisa e inclui questões como estratégias construtivas e persuasivas e a dimensão histórica. A dimensão epistêmica está diretamente relacionada com a "verdade, a faticidade e a objetividade das ciências", uma vez que a comunicação encontra-se implicada em todos os processos de formação de consensos, da definição material e dos significados dos resultados experimentais.

A dimensão biográfica, por sua vez, considera não apenas as questões epistêmicas, mas também os cientistas. "Eles têm carreiras para construir", diz a autora. É pela comunicação que se projetam, constroem seu ciclo de credibilidade, nos termos descritos



por Latour e Woolgar (1997): o laboratório é um lugar para a transformação da natureza em linguagem; atravessa os canais informais. A dimensão coletiva considera, particularmente, a comunicação que se desenvolve e resulta de investigações de grupos verdadeiramente globais, em trabalhos que envolvem especialistas e não especialistas e acabam por construir uma nova cultura de comunicação.

Por fim, a dimensão da comunicação para público leigo, ou popularização, ou de restabelecimentos comprobatórios - promulgação através de gráficos, desenhos computadorizados, videografias, recursos imagéticos de toda ordem, que possuem um poder de persuasão maior do que a narração de histórias; fornecem perspectivas abertas e dinâmicas sobre coisas minúsculas e difíceis de descrever; convertem extensos argumentos em imagens que parecem dizer o que as palavras significam.

Esse tipo de comunicação, numa perspectiva mais aberta, não chega a comprometer a ciência genuína, mas cria uma outra dimensão: a ciência popularizada. Nesse sentido, tem função retroativa: os cientistas também aprendem pelo que leem nos jornais, veem na TV ou na Internet. Além disso, se beneficiam com a repercussão pública, que pode, em certa medida, garantir financiamentos, e com a possibilidade de expansão do processo de construção do trabalho científico.

Comunicar ciências, nessa perspectiva, não é apenas dar publicidade, traduzir, reconstruir discursos, projetar o conhecimento, mas, principalmente, sinalizar com possibilidades de redução do fosso que existe entre os que conhecem, produzem conhecimento, e os que não produzem e nem têm acesso, numa tradução vulgar do que disse Vessuri (2002).

Na concepção tradicional, os divulgadores geralmente são vistos (e até se assumem) como mediadores tradutores de conhecimentos especializados, verdades estabelecidas em alguma área do conhecimento, para um público não especializado. E as investigações, por sua vez, também contemplam um modelo de ciências puro, objetivo, provado. Nesse modelo, como frisa Lopes (1997), não há espaço para uma ação criativa e participativa no processo de produção do conhecimento por parte dos divulgadores, nem tão pouco há compartilhamento de poder, quando muito sobra a tarefa de repetição de simplificações autorizadas ou distorções de "saberes inacessíveis" para um público passivo.

A adoção dos enfoques CTS, particularmente em pesquisa desta natureza, tem pelos menos quatro implicações diretas. A primeira é no que diz respeito à compreensão de ciência e, por conseguinte, da atividade científica. Longe de encarar o conhecimento



produzido sobre a Caatinga como definitivo, absoluto, objetivo, neutro, desinteressado, o que se buscará é uma construção social, produto de muitas negociações, cujo significado está impregnado de decisões, e que não foram tomadas por mentes sobrenaturais. Tal atitude nos remete a uma regra metodológica exposta por Latour (1999): antes de se atribuir qualquer qualidade especial à mente ou ao método das pessoas, é melhor examinar como os produtos da ciência em ação são coligidos, combinados, interligados, devolvidos, para só depois, se algo ficar sem explicação, se começar a falar em fatores cognitivos.

A segunda implicação diz respeito à compreensão do lugar dos grupos de pesquisa e/ou comunidades científicas, particularmente os que atuam na Região Semi-Árida. Os resultados de suas investigações podem ser relevantes para o desenvolvimento sustentável da região, mas só atingirão tal objetivo se forem apropriados socialmente, e não apenas disseminados. A apropriação social só se dá mediante processos interativos nos quais cientistas e público leigo se associam em trocas colaborativas de saberes, e negociam a própria agenda de pesquisa, que pode ser re-orientada (alterada ou substituída) em função das demandas emergentes da nova situação dialógica. A disseminação, por sua vez, tem mão única.

A terceira implicação consiste na re-orientação do olhar do pesquisador. A gama de questões levantadas pelos enfoques CTS amplia, significativamente, a percepção dos fatos em investigação. Mais do que procurar material significado, pronto, publicado, se buscará compreender as relações que o produziram, tentando abrir, de algum modo, a caixa preta em que eles se transformaram. Como diz Latour (1999: 423), nunca somos postos diante da ciência, da tecnologia e da sociedade, mas sim diante de uma gama de associações mais fracas e/ou mais fortes; entender o que são fatos e máquina é o mesmo que entender o que as pessoas são. Aqui, também, não se estará diante da estratégia comunicativa ou da comunicação pública em si, mas diante dos que a constroem, em relações complexas e impregnadas de muitos interesses.

Por fim, a quarta implicação diz respeito a uma compreensão crítica da comunicação pública da ciência. Adota-se, desde já, a convicção de que, apesar da hegemonia do modelo de déficit, é possível avançar para uma dimensão comunicativa mais dialógica, participativa, colaborativa, cidadã, enfim. O diagnóstico a ser obtido com este projeto pode encaminhar, modestamente, algumas políticas de comunicação, que contribuam, de fato, para que o conhecimento produzido sobre a Caatinga, em diferentes campos, seja apropriado socialmente.



## METODOLOGIA

Adotou-se, aqui, abordagens de natureza qualitativa por considerarem, entre outros elementos importantes, o significado que as pessoas dão as coisas, o enfoque indutivo, o caráter descritivo e o ambiente como fonte direta de dados.

Compreende-se aqui por pesquisa qualitativa um conjunto de técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, que no caso específico deste projeto, seriam as diferentes estratégias que a comunidade científica que estuda a Caatinga utiliza para comunicar-se com o público leigo.

O conhecimento, por sua vez, não se constrói por regularidades, mas num processo dinâmico que envolve associações, dissociações, ressignificações, negociações de sentido, disputas, conflitos, contradições, controvérsias, ação.

É importante, aqui, precisar duas questões:

a) a pesquisa estará restrita aos grupos cadastrados no Diretório de Pesquisa do CNPq e instalados em universidades públicas (estaduais e federais) e institutos e centros de pesquisa, também públicos (Embrapa, Emepa, etc) situados na área de ocorrência do Bioma Caatinga (aproximadamente nove estados – oito do Nordeste e um do Sudeste);

b) por outro lado, tem-se clareza da existência de grupos instalados em universidades de outras regiões e até fora do País, que estudam e publicam sobre a Caatinga, mas estes, por enquanto, não é o foco desejado pelos que integram o presente projeto. Interessa, aqui, em última instância, conhecer o que há sobre a Caatinga na área da própria Caatinga.

O trabalho operou-se em quatro etapas:

1. **Identificação e contato** - Levantamento dos grupos existentes no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq que apresentem linhas e/ou projetos de pesquisa sobre a Caatinga e que estejam instalados em universidades, institutos e centros de pesquisa públicos;
2. **Questionário Exploratório** – Aplicação de questionário básico, on line, fechado, para identificação;
3. **Entrevista aberta** – Entrevista, presencial, aberta com os líderes dos diferentes grupos, linhas e projetos de pesquisa;
4. **Observações, documentação** – Ao longo do processo de conhecimento dos grupos, entrevistas com líderes e pesquisadores, serão, também observadas e

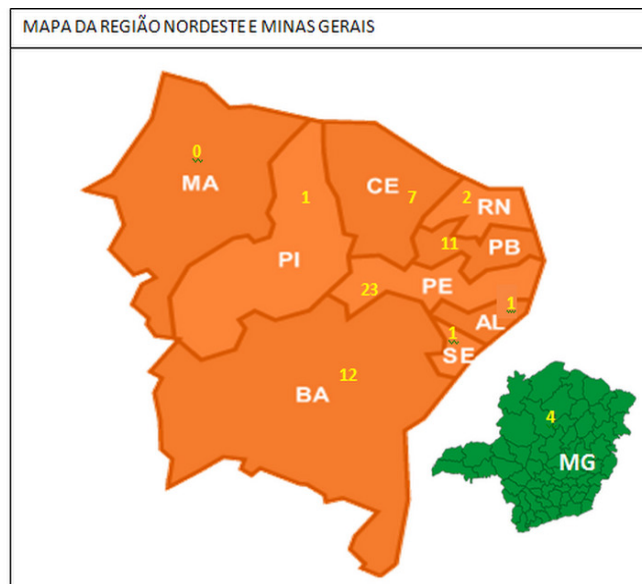


anotadas práticas, rotinas, comportamentos que possam contribuir para a consolidação de uma leitura pontual sobre as práticas de comunicação pública do público alvo desta pesquisa. Também serão coletadas amostras de materiais publicados, cópias de áudio e vídeo, endereços de sites e portais em que se possa verificar, dentre outras possibilidades, quantidade e qualidade do material publicado.

## RESULTADOS

Localizamos os grupos existentes no Diretório do CNPq, através do sistema de buscas disponível no próprio Diretório (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>). Para isso foram utilizados descritores característicos da caatinga: semi-árido e caatinga. A princípio encontramos 152 grupos cadastrados referentes a palavra-chave *semi-árido*, sendo destes, 62 grupos que têm a palavra *caatinga* como objetivo principal de estudo e foram esses 62 o alvo da pesquisa até esse presente momento.

Como dito anteriormente a caatinga abrange nove Estados do Nordeste e um do Sudeste, para tanto priorizamos nesta pesquisa o Estado da Paraíba. Posteriormente pretende-se estudar as estratégias de comunicação pública da ciência desenvolvidas pelos demais Estados. O mapa abaixo faz referência aos 62 grupos encontrados no Diretório do CNPq.



Fonte: levantamento das autoras

Sendo assim, encontramos 11 grupos no Estado da Paraíba: Quatro na cidade de João Pessoa, três em Areia, dois em Campina Grande, um em Guarabira e um na cidade de Patos. Esta última seleção foi feita a partir da localidade, tendo em vista uma relação de contato mais próxima da realidade com os líderes, facilitando o acesso aos materiais da pesquisa e o trabalho realizado por cada grupo para com o público leigo. A figura abaixo demonstra a quantidade de grupos distribuídos nas universidades de origem.



Fonte: levantamento das autoras

#### **Tabela demonstrativa dos grupos de pesquisa contatados:**

<b>Identificação</b>	<b>Instituição de origem</b>	<b>Número de pesquisadores</b>	<b>Ano de criação</b>
Ecologia do Semi-árido	UEPB	5 (cinco)	2008
Manejo Sustentável dos Recursos Naturais do Semi-árido	UEPB	14 (quatorze)	2002
Grupo de Pesquisa em Ecologia Vegetal, Estudo da Diversidade e Conservação do Semi-Árido	UFPB	6 (seis)	2007
Lavoura Xerófila	UFPB	8 (oito)	2006
Produção Vegetal	UFPB	21 (vinte e um)	1995
Análise e Planejamento Ambiental com apoio de Geotecnologias	UFPB	7 (sete)	2007
Sistemática e Ecologia de Insetos	UFPB	7 (sete)	1993

Fonte: levantamento das autoras

O contato com os líderes dos grupos foi feito através do e-mail criado para este fim ([comunicandocaatinga@gmail.com](mailto:comunicandocaatinga@gmail.com)) e por meio dos telefones de cada departamento/laboratório/telefone pessoal.

A princípio foi aplicado um questionário básico online e fechado, no entanto pela proximidade existente entre os envolvidos com esta pesquisa e os grupos pesquisados optamos por encontrá-los pessoalmente. De acordo com as respostas dadas pelos sete líderes contatados, a partir daqui identificados por código: P1 = pesquisador 1, por exemplo<sup>6</sup>, obtivemos os seguintes resultados:

De acordo com as formas de divulgação científica para os meios massivos, meios didáticos e meios científicos, podemos observar que os pesquisadores, priorizam os meios científicos como forma principal de divulgação. Os sete pesquisadores afirmaram divulgar seus trabalhos para a academia; 58% deles trabalham didaticamente, através da educação ambiental para produtores e agricultores; e apenas 25% dos pesquisadores divulgam para meios massivos.

**Figura 1.** O gráfico um demonstra as causas da não divulgação ou da baixa divulgação das pesquisas científicas entre os meios massivos. De acordo com as respostas dos pesquisadores, percebemos que a maior parte deles não pratica a divulgação científica para a TV, o rádio, os impressos e para a internet pela falta de tempo. Sendo essa causa referente a 42% do total; 25% dizem não divulgar pela própria falta de interesse em procurar a mídia; já 8% culpam a própria mídia em não os procurarem. Cerca de 17% ainda apontam como causa da não divulgação, a dificuldade de transposição da linguagem científica para a linguagem popular.

---

<sup>6</sup> Eduardo Viana de Lima, José Pires Dantas, Dilma Melo Trovão, Ademar Gomes Bandeira, Riselane de Lucena Alcântara, Leonaldo Alves de Andrade e Divan Soares da Silva.



Fonte: levantamento das autoras

**Figura 2.** O gráfico dois refere-se à troca de informações entre os pesquisadores sobre o bioma caatinga. De acordo com a representação pudemos identificar que há intercâmbio de informações sobre suas pesquisas, sejam eles formais ou informais. 43% revelaram manter um contato formal por motivos que vão da simples troca de informações até por questões interinstitucionais; já 57% afirmaram manter contato superficial, através de encontros casuais em congressos e bancas examinadoras.



Fonte: levantamento das autoras

Até o fechamento deste relatório conseguimos contatar apenas com sete pesquisadores dos dezoito existentes, referente a sete grupos de pesquisa da Paraíba. Não obtivemos retorno dos líderes dos grupos: Terra – Grupo de Pesquisa urbana, rural e ambiental (UEPB), Estudos Botânicos (UFPB), Educação ambiental e ensino de ciências (UFPB) e Sistemas agrosilvopastoris no semi-árido (UFCEG). Sabemos que a maioria dos líderes de grupos de pesquisa coordenam projetos ou mestrados no seu departamento,



acreditamos que pela falta de tempo, estes não observaram seus e-mails, para até então estarmos sem resposta.

Ao inferir que não há comunicação pública da caatinga nordestina entre os meios midiáticos, apontamos como principal causa a diferença entre o valor de uma publicação científica e uma publicação para a grande mídia, como afirma o P7:

“A gente quando se envolve em pesquisa a gente é muito cobrado por produção e essa produção é uma produção científica, aí você pensa ‘vou fazer pesquisa ou extensão?’ (...) Talvez se a extensão pesasse tanto quanto a pesquisa, muitas pessoas que gostam mais da extensão se envolveriam mais do que na área da pesquisa.”

Outro fator que justifica a pouca divulgação para os meios midiáticos é o fato de a pesquisa ter uma nova perspectiva jamais estudada por outros acadêmicos, assim como a relação pesquisador-objeto de estudo. Segundo P3:

“O normal do acadêmico é não ultrapassar essa fronteira acadêmica, a gente tenta divulgar o nosso trabalho para os nossos colegas; até porque esse fato do ‘ineditismo’ pesa muito a nosso favor, então, quando a gente divulga no meio científico aquela coisa passa a ser seu ‘filho’”.

Muitas pesquisas para serem concluídas podem levar anos, essa é a razão de alguns dos professores por não estarem em contato permanente com a mídia, “Ainda não se conhece quase nada da fauna de insetos da caatinga, sendo assim, nosso trabalho ainda está na fase de divulgação para os pesquisadores, numa linguagem ainda científica”, falou P1.

O pesquisador P2 afirma que um dos seus objetivos principais é atingir o agricultor/produtor, é a ele quem interessa os resultados da pesquisa. Não excluindo a mídia, esta apenas fica em segundo plano.

“Banners são formas que a gente tem de fazer com que o público tome conhecimento e se envolva; claro que é muito mais difícil levar a pesquisa científica numa linguagem popular, mas nós fazemos isso associando uma atividade prática a essas pesquisas, por exemplo, quando nós estudamos invasão biológica, os impactos sobre a caatinga que a Algaroba provoca, nós fazemos isso estudando propriedades de pessoas da caatinga, conversando com eles previamente e mostrando os prejuízos que aquela espécie está causando.”

Quando se está ligado diretamente à pesquisa sobra pouco espaço de tempo para outras atividades, porém há pesquisadores que têm esse tempo disponível para trabalhar divulgando seu trabalho. O que falta, de acordo com P5, é a mídia.



“Eu divulgava sempre, agora não é tão constante. Deixei mais de divulgar por falta de alguém que viesse a mim. [...] Eu gostaria que imprensa participasse do meu trabalho ou alguém fizesse um artigo. Estou lutando agora para conseguir levar isso a campo, a sociedade.”

Assim como P5, os demais pesquisadores apontam respostas para o pouco contato existente com os meios massivos. O que iremos confirmar no decorrer da pesquisa é se os outros líderes não contatados possuem as mesmas opiniões e justificativas.

Com os dados colhidos nesse primeiro momento observamos que há comunicação pública da ciência da caatinga nordestina, porém entre as três dimensões – meios científicos, meios massivos e meios didáticos – os pesquisadores não dão ênfase aos meios midiáticos.

Existe sim uma preocupação em divulgar as pesquisas. *Segundo os pesquisadores* elas ficam restritas ao meio acadêmico por motivos como a falta de tempo, por se dedicarem apenas a publicações científicas; o desinteresse da mídia em publicar matérias sobre ciência; o desinteresse do próprio pesquisador em buscar os meios massivos e por alguns pesquisadores não terem facilidade de lidar com a mídia.

Alguns dos pesquisadores afirmaram não divulgar seus trabalhos por falta de interesse da mídia, no entanto pesquisas anteriores<sup>7</sup> já constataram que a mídia, assim como o público, tem interesse por matérias científicas.

Nossas conclusões parciais foram inferidas com base no diálogo com apenas sete pesquisadores dos onze grupos de pesquisa existentes no Estado da Paraíba. No próximo momento espera-se contatar os onze líderes restantes, somando um total de dezoito pesquisadores para verificar se os resultados aqui citados se confirmam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da Ciência** – Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

DEMO, P. **Pesquisa** - Princípios Científico e Educativo. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

DURANT, J. Participatory technology assessment and the democratic model of the public understanding of science. **Science and Public Policy**, v.26 (5), p. 313-319, 1999.

---

<sup>7</sup>O ministério da C&T (MCT) publicou, em abril de 2007, os resultados de uma pesquisa que realizou no fim de 2006, intitulada “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia”. Para maiores detalhes sobre os resultados da pesquisa acesse: [www.mct.gov.br/index.php/content/view/50875.html](http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50875.html)



FARES, D. C.; NAVAS, A. M., MARANDINO, M. Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia. **X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP - UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”**. San José, Costa Rica, 2007

KNORR-CETINA, K. D. A Comunicação na Ciência. In: GIL, F. (Coord.) **A Ciência Tal Qual se Faz**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999. p. 375-393.

KNORR-CETINA, K.D. Los estudios etnográficos del trabajo científico: hacia una interpretación constructivista de la ciencia. In: IRANZO, J.M.;BLANCO, J.R.; GONZALES DE LA FE, M.T.;TORRES, C.; COTILLO,A. (Coords.) **Sociología de la ciencia y la tecnología**. Consejo Superior de Investigaciones Científicas: Madrid, 1995.

LEWENSTEIN, B.V.; BROSSARD, D. **Assessing Models of Public Understanding in ELSI Outreach Materials U.S. Department of Energy Grant DE-FG02-01ER63173: Final Report**. Cornell: Cornell University. 2006.

LEWENSTEIN, B.V. **When Science Meets the Public**. Washington, D.C.: American Association for the Advancement of Science, 1992.

LATOURET, B. WOOLGAR, S. **A Vida de Laboratório: A Produção dos Fatos Científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOURET, B. **A Ciência em Ação: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Unesp: 1999.

LOPES, M. M. Resta algum papel para o (a) educador (a) ou para o público nos museus? **Boletim do CECA – Brasil**, ano I, n.0, mar. 1997. p. 01-04.

SANTOS, Lucy Woellner; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. CTS e a Participação Pública na Ciência. In\_\_\_\_. **Ciência Tecnologia e Sociedade: O Desafio da Interação**. Londrina: IAPAR, 2002.

SOUSA, C. M. ; LOPES, M.M. Comunicação, Ciência e Cidadania: diálogos. **Revista de Ciências Humanas** (Taubaté), TAUBATÉ, v. 10, p. 25-31, 2004.

VELHO, L. Ciências, Publicações e Avaliação. In: HOFFMAN, W.A. M., FURNIVAL, A. C. **Olhar Ciência, Tecnologia e Sociedade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

VESSURI, H. La Revista Científica Periférica: El caso de Acta Científica Venezolana. **Interciencia**, v.12, n.3, p.124-134, 1987.

VESSURI, H. Ciencia, tecnología y desarrollo: una experiencia de apropiación social del conocimiento. **Interciencia**, Caracas, v. 27, n. 2, p.88-92, feb. 2002.

WEINGART, P. Science and the Media. **Research Policy**, v. 27, n. 8, p. 869-879, 1999.

WORTMANN, M.L.C. **Olhando para a educação em ciência a partir dos estudos culturais**. 1999 (monografia). P. 1-20.